

Negociações Coletivas



movimento sindical brasileiro vive no atual momento uma das piores crises de toda a sua história. A globalização da economia e as políticas econômicas que vêm sendo empregadas pelos últimos governos, com seus "pacotes e pacotões", vêm dificultando enormemente as negociações diretas entre empregados e empregadores, e, conseqüentemente, trazendo seríssimas dificuldades ao bom andamento da relação capital/trabalho.

Se o nosso Sindicato, o dos Metalúrgicos de São Paulo, o maior Sindicato de Trabalhadores da América Latina, com mais de 300 mil trabalhadores na base e cerca de 100 mil associados, não é exceção à regra e enfrenta dificuldades, o que dizer de um Sindicato pequeno, com poucos associados e sem a nossa representatividade.

Sempre pautamos no diálogo o caminho para fazer valer nossos direitos e fechar bons acordos. Os patrões, por sua vez, parecem estar se especializando a cada dia na matéria "Dificultar a Vida dos Trabalhadores", e o que vemos é isso que está por aí, nas mais diversas atividades profissionais: trabalhadores com salários baixos, com perdas expressivas no seu poder de compra, sem reajuste salariais, descontentes, pressionados, sujeitos às más condições em seus locais de trabalho, e, o que é pior, temendo o maior "fantasma" dos nossos dias: o desemprego.

Em nossas negociações, não são priorizadas apenas as cláusulas econômicas, como aumento real, reposição de perdas salariais, participação nos lucros ou resultados, etc. Lutamos por melhores condições nos locais de trabalho, por cesta básica, assistência médica, redução da jornada de trabalho como forma de gerar mais empregos, etc. E oferecemos ainda aos trabalhadores, e a seus filhos, em nossa sede-escola, cursos de qualificação e requalificação profissional, buscando oferecer a esses trabalhadores meios para se adequarem às novas tecnologias que as empresas vêm implantando com muita rapidez. Mas os patrões seguem dificultando as coisas.

Um exemplo das dificuldades criadas pelos patrões quando o assunto é negociação salarial é o que acontece na categoria metalúrgica: há alguns anos, o nosso Sindicato negociava diretamente com a Fiesp determinado percentual de reajuste, entre outras cláusulas, e o que fosse acordado era repassado para toda a categoria. De alguns anos para cá, a Fiesp se dividiu, e vários grupos patronais foram criados, cada um deles representando determinados sub-ramos de atividades e negociando separadamente. Com essa divisão, a intenção do patronato era justamente dificultar e enfraquecer a mobilização dos trabalhadores. Como podemos agora, depois de esgotadas todas as tentativas de negociações em bons termos, conclamar toda a categoria para uma greve geral, se determinado grupo patronal fechou acordo com o Sindicato e outro não.. Greve nenhuma seria a mesma, nem teria a mesma força, com apenas uma parcela dos trabalhadores metalúrgicos, encampando o movimento.

Alternativas têm sido buscadas insistentemente para que os trabalhadores daquelas empresas representadas por grupos que não fecharam acordos não fiquem no prejuízo e amarguem reajuste zero, enquanto os demais metalúrgicos, representados por outros grupos, tenham recebido aumento salarial. Uma dessas alternativas é a negociação por empresa.

Se uma empresa, respaldada pela intransigência do grupo patronal que a representa, não concede reajuste aos seus trabalhadores, buscamos, ainda, através de negociação, apenas com essa empresa, reajustes nos mesmos percentuais acordados com os sindicatos patronais que fecharam acordo. Se não funcionar, aí vamos à greve. Mas só nessa empresa e em último caso.

Como já dissemos, estamos preparados tanto para as conversações quanto para a greve. Temos material humano, assessores e diretores do Sindicato, em quantidade e qualidade mais do que suficientes para levar adiante a decisão tomada. Temos carros de som para pararmos, se necessário, várias empresas de uma só vez. Temos uma equi-

*Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.

pe que elabora jomais, boletins, panfletos, adesivos, cartazes, e gráfica própria para rodar todo esse material. E o que é fundamental; nossa categoria é formada por trabalhadores plenamente conscientes de que nossas conquistas são frutos de nossas lutas, e que patrão nenhum dá nada de “mão beijada”. Mas como ficam os sindicatos, e os trabalhadores que re-presentam, que não dispõem de nada disso...

Sabemos que servimos de parâmetro para que outros sindicatos de trabalhadores, de outras categorias, sigam em suas lutas, e é exatamente por isso que, extrapolando a re-presentação apenas e tão-somente trabalhista, nossas lutas vão muito mais além e buscam beneficiar não apenas o trabalhador metalúrgico, mas toda a sociedade brasileira.